

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI.

Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 12 - O Trabalho Artístico e Técnico no Contexto da Indústria Cultural

Título: O trabalho produtivo do músico nas casas de shows da Lapa: um estudo de caso

Autor: Luciana Requião

O trabalho produtivo do músico nas casas de shows da Lapa: um estudo de caso

O estudo tem como objetivo geral analisar, discutir e compreender os atuais processos e relações de trabalho do músico em apresentações ao vivo. Procurou-se demonstrar que os processos de produção da música não são processos autônomos e que para compreendê-los se faz necessária uma análise do contexto sócio, político, econômico e cultural onde estão inseridos. As relações e os processos de trabalho do músico nas casas de shows da Lapa/RJ foi o foco central da observação empírica. Como resultado se pôde evidenciar a produção musical como um setor imerso nos processos gerais da produção capitalista, cujas determinações históricas vão moldando e adequando seus processos e suas relações de trabalho às necessidades capitalistas de produção e geração de lucro. Configura-se, assim, o trabalho do músico como um trabalho produtivo ao capital.

Lapa: “O novo Rio Antigo”; “A volta do berço da boemia carioca”; “Bairros esquecidos pela indústria da construção mostram seu valor no mercado”¹. Não é difícil de se achar na mídia uma espécie de celebração da nova Lapa carioca. A Lapa que atrai milhares de visitantes a cada semana e onde vêm prosperando os empresários que apostaram na revitalização de seus casarões e no investimento em casas de shows. Celebrar-se-ia com isso uma pretensa defesa da identidade de um povo, a democratização do acesso à cultura e a promoção da diversidade cultural. Pelo menos são essas as ênfases do discurso daqueles que estão otimistas com a movimentação econômica da região, que está em torno dos 3,6 milhões de reais semanais².

O que se pode perceber de fato, é que nos últimos anos as casas de shows vêm se proliferando por essa região não muito bem geograficamente delimitada que é a Lapa. Este movimento - que se intensificou na década de 1990 e início dos anos 2000 - encontra-se ainda em franca expansão.

Com o mesmo tom otimista, os estudos acerca da economia do entretenimento constataam o alto potencial de desenvolvimento econômico do setor cultural, em especial aos eventos culturais “ao vivo”, que além da capacidade de atrair um grande número de público pode movimentar em cadeia outros setores produtivos, como a hotelaria, os transportes e outros. O Rio de Janeiro é reconhecido em especial por sua “vocação” para os eventos ao ar livre e por sua capacidade de aglutinar em torno de um evento cultural um elevado número de pessoas.

Esse é o fenômeno festivo que encobre os caminhos encontrados pelo capital para sua auto-expansão através da exploração de um nicho de mercado “lapiano”, amparado por uma imagem romântica que se construiu da Lapa (e que é reforçada pela propaganda que se faz do local) e pelo fetiche que envolve a prática musical e a imagem do artista. Ali vem se constituindo uma grande demanda pela força de trabalho do músico, ao mesmo tempo em que se desenvolvem formas capitalistas de se apropriar de maneira eficiente dessa força de trabalho.

Procurando articular o processo geral da produção capitalista ao trabalho específico do músico no capitalismo tardio, buscamos através desse estudo compreender os atuais processos e relações de trabalho do setor produtivo da música, em específico o

¹ Frases extraídas, respectivamente, das páginas: www.lanalapa.com.br, www.obaoba.com.br, <http://veja.abril.com.br/vejarj>, consultadas em 29 de dezembro de 2007.

² Segundo dados contidos na matéria “Lapa quente” da revista Veja Rio (ano 15, nº30, julho/agosto de 2006).

trabalho do músico em apresentações ao vivo. Assim, optamos por realizar um estudo com músicos que atuam nas casas de shows da Lapa. Além da observação participante e das entrevistas realizadas, aplicamos um questionário a cerca de 80 músicos atuantes naquela região. Pudemos observar que embora exista uma Lei que regulamente a profissão do músico e dite regras para a sua contratação, em geral, o trabalho é informal. Os contratantes utilizam variada argumentação em favor das relações informais de trabalho, inclusive sugerindo haver uma “parceria” entre empresários e músicos. Associar o trabalho musical ao lazer e ao ócio é uma das estratégias, o que reforça a dissociação que se faz da atividade musical como um trabalho. A noção de dom e talento da mesma forma contribui para ocultar o processo de trabalho realizado pelos músicos, desde seu aprendizado musical até o momento em que seu trabalho é consumido pelo público.

Através desse questionário percebemos que para este grupo de músicos atuantes nas casas de shows da Lapa a atividade profissional exige uma flexibilidade que o permita atuar em diversos setores da cadeia produtiva. Assim, as duplas ou triplas jornadas de trabalho são frequentes. Porém, o trabalho é sazonal, e a grande maioria tem no trabalho docente a forma mais segura de uma remuneração regular. Essa atuação docente se dá, na maioria dos casos, na forma de aulas particulares ou em *escolas alternativas* de música, onde também prevalecem as relações informais de trabalho. O preço pago pelo trabalho do músico assim como as formas de contratação e remuneração são estipuladas pelo empregador segundo seus próprios critérios.

No contexto das casas de shows da Lapa pudemos perceber que a precarização das relações de trabalho se dá não só por sua informalidade, mas também pelo trabalho não pago, já que o trabalho musical é habitualmente visto como aquele que se dá apenas no momento da apresentação ao vivo. Pudemos constatar que em todas as formas de relação de trabalho encontradas, sendo elas legalizadas ou não, a exploração da força de trabalho do músico se perpetua amparada por um regime econômico que permite ao capitalista adequar tais relações de trabalho da forma que lhe assegure e amplie a sua margem de lucro - objetivo final de qualquer empreendimento capitalista. A exploração da força de trabalho se dá através de mecanismos criados pelos empregadores que, ao possuírem os meios de produção, detêm o controle da produção, da determinação do preço pago pela força de trabalho e da forma de pagamento, entre outros. Por trás dos jargões que pregam a democratização do acesso à cultura e o apoio à diversidade cultural

temos, na realidade, um processo de transformação de manifestações culturais em mercadoria, o que torna o trabalho do músico um trabalho produtivo ao capital. Nesse sentido, entendemos que o músico é trabalhador subordinado ao capital que lhe explora sobretrabalho, ou seja, mais valia.

A perspectiva que norteou o desenvolvimento desse trabalho foi o materialismo histórico. Frente aos processos de transformação que vem sofrendo o modo de produção capitalista, e por sua influência direta nos processos de trabalho, entendemos que o método materialista histórico se impõe como aquele que nos permite ir além dos aspectos fenomênicos. Ressalvamos, entretanto, que não se trata, simplesmente, de ter nas questões econômicas premissas para o estudo de determinada realidade, mas da necessidade de se historicizar o objeto de estudo em seu tempo/espço. Nossa fundamentação se amparou nos estudos de Marx (2004, 1983 e 1975) e Kozik (2002), entre outros autores.

Assim, entendendo a realidade como um processo histórico, o objetivo geral desta tese foi analisar, discutir e compreender os atuais processos e relações de trabalho do músico. Tendo como objeto de análise a atividade profissional do músico *in loco*, nosso “todo caótico” foi circunscrito ao trabalho do músico realizado em casas de shows na região da Lapa, centro da cidade do Rio de Janeiro, região que tem movimentado uma ampla cadeia produtiva nos últimos dez anos e que tem como eixo a oferta de música ao vivo. O trabalho empírico realizado em casas de shows da Lapa, onde tive a oportunidade de trabalhar como músico por todo o período em que esta pesquisa foi desenvolvida (2004-2007), nos permitiu uma observação participativa, através do contato direto com a direção dessas casas além do contato com outros músicos envolvidos nos mesmos processos de trabalho. Assim, foram quatro anos de observação participante, dos processos e das relações de trabalho estabelecidas entre os contratantes e os músicos. Como resultado desse estudo, se pôde evidenciar a produção musical como um setor imerso nos processos gerais da produção capitalista, cujas determinações históricas vão moldando e adequando seus processos e suas relações de trabalho às necessidades capitalistas de produção e geração de lucro.

Para dar conta de entender os mecanismos que colaboram para essa situação percorremos um caminho que nos levou a estudos acerca dos processos históricos que propiciaram o desenvolvimento de um mercado para a música (ELIAS, 1995 e JARDIM, 1988) e do desenvolvimento da indústria fonográfica no Brasil onde se deu a transição de

um modelo fordista de produção para a acumulação flexível (HARVEY, 2002 e VICENTE, 2002). Outro ponto importante foi o estudo da Economia da Cultura e da Cadeia Produtiva da Economia da Música (EARP, 2002 e PRESTES FILHO *et alli*, 2004). Dentre outras obras e autores que nos ajudaram a desenvolver esse trabalho estão: Antunes (2005), Coli (2006), Fischer (s.d.), Jameson (2000) e Williams (2000, 1979).

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

COLI, Juliana. **Vissi D'Arte por amor a uma profissão**: um estudo sobre a profissão do cantor no teatro lírico. São Paulo: Annablume, 2006.

EARP, Fábio Sá (org.). **Pão e circo**: fronteiras e perspectivas da economia do entretenimento. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2002.

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2002.

JARDIM, Antônio. **Música**: uma outra densidade do real. Rio de Janeiro: CBM, 1988. (Dissertação de Mestrado).

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 2000.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O capital**. V. I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Capítulo inédito D'o Capital**: resultado do processo de produção imediato. Porto: Publicações Escorpião, 1975.

PRESTES FILHO, Luiz Carlos *et alli*. **Cadeia produtiva da economia da música**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

VICENTE, Eduardo. **Música e disco no Brasil**: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90. São Paulo: USP, 2002. (Tese de doutorado).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.